

**CONSTRUÇÕES METADISCURSIVAS
CONSTITUINTES DO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO
EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO**

Heliud Luis Maia Moura (UFOPA)

heliudlmm@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar o uso de construções metadiscursivas no processo de elaboração de narrativas afiliadas ao lendário amazônico. Tais construções residem em operações por meio das quais o narrador/ produtor textual insere frequentemente, no seu discurso, formas verbais e sequências oracionais que remetem a outro narrador/locutor, a partir do que também implementa a atividade narrativa. Logo, enquanto recurso de textualização das mencionadas narrativas, esse tipo de construção se apresenta como uma estratégia de “reafirmação” do que já é dito, num determinado contexto sociodiscursivo, em relação a histórias de Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira. As citadas construções constituem também formas usadas pelo escritor (produtor) para implementar a progressão temática do texto. Na perspectiva textual-narrativa propriamente dita, configura-se como um artifício utilizado pelo narrador para dinamizar e dar mais consistência ao tópico em elaboração. Assim, no intercurso da atividade de narrar há uma interpelação a falas ou dizeres que passam a constituir o próprio processo narrativo, com um deslocamento recorrente para fatos, situações e eventos que se colocam como novos na estrutura referencial. O *Corpus* em análise constitui-se de dezessete narrativas referentes às entidades Boto, Cobra, Matinta Perera e Curupira. Tomo como referencial teórico as postulações de Jacqueline Authier (1981), Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2004), Edviges Maria Morato (2005), Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2010), Clélia Spinardi Jubran (2005) e Heliud Luis Maia Moura (2013), para os quais a metadiscursividade reside na capacidade do produtor do texto de ter mais “acesso” ao que diz, podendo manipulá-lo de forma mais efetiva e consciente. No que trata dos processos referenciais, os procedimentos metadiscursivos servem para indicar o modo como o locutor textual “visualiza” os referentes gerados no interior do discurso, tomando posição acerca da forma como ele mesmo participa da atividade interacional.

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo estudar o funcionamento textual-discursivo de construções metadiscursivas em narrativas afiliadas ao lendário amazônico. Análise 5 (cinco) excertos do grupo de 17 (dezessete) narrativas referentes a 4 (quatro) histórias dos personagens: Boto, Cobra, Matinta Perera e Curupira, em que podemos detectar o uso dessas construções. Mesmo não sistematizando uma tipologia das construções sob análise, atendo-me a algumas formas de expressão mais gerais, a saber:

- (i) Construções em que o ato de narrar se sobrepõe a ele mesmo;

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- (ii) Construções nas quais o locutor/narrador se interpõe no processo narrativo;
- (iii) Construções que locutor institui um narrador a partir do qual a narrativa se desenvolve;
- (iv) Construções em que locutor evoca formas de pensar culturalmente situadas;
- (v) Construções nas quais o locutor analisa reflexivamente acerca de elementos culturais específicos;
- (vi) Construções em que o locutor, ao contar, fala sobre o próprio ato de narrar;
- (vii) Construções que expressam a autorreflexividade do locutor/narrador em relação ao seu dizer;
- (viii) Construções que revelam o gerenciamento do tópico pelo locutor/narrador da história.

De acordo com as análises realizadas, é possível postular acerca da natureza das narrativas em estudo, especificamente quanto à incidência recorrente de processos metadiscursivos, em que construções, como as descritas neste trabalho, são parte integrante da arquitetura de textos escritos afiliados ao universo do lendário amazônico, podendo-se fazer generalizações quanto à presença de tais processos em textos narrativos orais pertencentes a esse mesmo universo.

2. *Pressupostos teóricos*

Embora os conceitos de metaenunciação e metadiscursividade sejam mutuamente implicáveis e intercambiáveis, procedo, para efeito didático, a conceituações especificamente pertinentes a cada um deles. Assim, no que se refere à metadiscursividade, Clélia Spinardi Jubran (2005) afirma que esta é relativa aos usos de recursos linguísticos nos quais o locutor faz menção ao próprio discurso. Indo nessa perspectiva, a autora amplia esse conceito ao afirmar que

na linha sociocognitivo-interacionista [...] não se sustenta a distinção entre o que é intradiscursivo e o que é extradiscursivo, pois a construção referencial institui objetos-de-discurso em quaisquer situações de “uso” da língua. Assim como a significação ideacional não é um simples ato de designação de referentes, a metadiscursiva não se restringe a um ato de “menção” ao discurso. Ambas partilham a propriedade de criação de objetos-de-discurso no intercurso

verbal. Em consequência, a diferença específica do metadiscurso não está na dicotomia *uso/menção* e sim na natureza de objeto-de-discurso que ele instaura no texto: no metadiscurso; as palavras são usadas para referirem-se à própria atividade discursiva, indicando a introjeção da instância da enunciação na materialidade textual. (JUBRAN, 2005, p. 220)

Segundo Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2004), estratégias metadiscursivas são aquelas em que o locutor toma por objeto a própria atividade de dizer. Nessa acepção, o locutor analisa, comenta, corrige e adequa o modo como diz, refletindo sobre o ato de sua enunciação. Para a autora (2004), os enunciados consequentes do carreamento de procedimentos metadiscursivos possuem características discursivas diferentes daquelas dos enunciados portadores de conteúdo informacional, pois enquanto os procedimentos de estruturação do conteúdo proposicional “agem” no plano do enunciado, os procedimentos metadiscursivos se realizam no terreno da própria atividade discursiva, debruçando-se sobre si mesma.

Por outro lado, se a metadiscursividade opera como reflexividade do sujeito acerca do seu próprio dizer, ela também engloba estratégias em que o locutor, instanciado pelo lócus da enunciação, constrói o seu dizer a partir da construção e engatilhamento em diversos outros dizeres, sem o que a própria enunciação se esfacelaria em sua constitutividade e materialidade, já que a autorreflexividade se constrói em dois pólos mutuamente intercambiáveis: dizer-se na linguagem é dizer também do outro e com o outro e vice-versa.

Logo, conforme expresso no último parágrafo, pergunto-me: a metadiscursividade teria as mesmas propriedades da metaenunciatividade?

Se isto não pode ser respondido de forma taxativa em termos de sim ou de não, poderíamos aventar pelo menos duas possibilidades ou alternativas para a questão, para a qual proponho aqui duas diferenças básicas para tais instâncias da linguagem:

- (i) a metaenunciatividade realiza-se no plano enunciativo-discursivo mais amplo, no qual um ato enunciativo se explica e/ou define em seus elementos pela convocação e convergência de outras práticas enunciativas, nem sempre havendo consciência do sujeito de que o seu dizer se constitui pela confluência ou interseção com outros dizeres, compreendendo-se, nesse âmbito, a construção de objetos-de-discurso e os processos referenciais envolvidos na constituição desses objetos;

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- (ii) a metadiscursividade se dá por meio do próprio controle, adequação e monitoramento do locutor em relação àquilo que diz, o que implica uma postura de autorreflexividade do sujeito na tarefa de construção da atividade discursiva. Nessa perspectiva, está mais centrada nessa capacidade do produtor do texto de ter mais “acesso” ao que diz, podendo manipulá-lo de forma mais efetiva e consciente. No que trata dos processos referenciais, os procedimentos metadiscursivos servem para indicar o modo como o locutor textual “visualiza” os referentes gerados no interior do discurso, tomando posição acerca da forma como ele mesmo participa da atividade interacional.

Como defendemos em *Atividades de Referência em Narrativas Afiliadas ao Universo do Lendário da Amazônia: Implicações Socio-cognitivas e Culturais* (MOURA, 2013), é coerente dizer que tanto em termos de metaenunciatividade quanto em termos de metadiscursividade, as conceituações e posicionamentos teóricos levam à conclusão de que não existe uma isomorfia e homogeneidade no que se refere à forma como o discurso se constitui e que isso implica também dois pólos por meio dos quais ele se estrutura: (i) em nível de interdiscurso – tanto quando o locutor (consciente ou inconscientemente) insere ou “convoca” outras enunciações para dizer o porquê e como está dizendo, quanto quando ele se distancia premeditadamente para analisar, comentar, corrigir e adequar o modo como diz, o que implica, nesse último caso, uma autorreflexividade mais centrada na própria forma como as sequências textuais ou elementos delas se apresentam ou se estruturam na atividade de construção do texto; (ii) em nível de discurso – quando não há no próprio uso deste a perspectiva de se observar um deslocamento nem em relação ao locutor – quando reflete ou se posiciona acerca do que diz – nem em direção a outras construções pertencentes a outras enunciações.

Segundo Edviges Maria Morato (2005), é válido afirmar que os fenômenos metaenunciativos dizem respeito a práticas discursivas por meio das quais os enunciadores constituem suas enunciações, considerando os propósitos interacionais pretendidos, que, de uma forma ou de outra, estão engatilhados nas práticas referenciais que os sujeitos mobilizam nos diferentes contextos interativos. Para Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2010), a metadiscursividade opera numa perspectiva de refração, na qual os sujeitos refletem sobre o ato de sua enunciação, de forma a terem consciência acerca dos modos de construção do discurso posto em curso na atividade interacional. De acordo com

as postulações de Jacqueline Authier (1981), o estatuto da metadiscursividade diz respeito à constitutividade dos discursos, seja de maneira transparente (heterogeneidade mostrada) ou de forma não transparente (heterogeneidade constitutiva), concluindo-se, portanto, que todo discurso, enquanto instância de enunciação, é múltiplo, misto em sua natureza construtiva, instanciando-se somente a partir da interpelação a outros sentidos e dizeres, em mobilização nos espaços do universo sociocultural e histórico.

Considerando as atividades referenciais, postulo que a ativação, reativação e de-ativação de referentes se estabelece nos dois pólos ou níveis acima mencionados, prevendo-se que a construção, desconstrução e recategorização destes se realizam na conjugação concomitante de elementos alocados tanto no discurso como no interdiscurso, tendo em conta o fato de que os objetos de discurso não são monolíticos e uniformes nem em sua constitutividade nem na forma como são (co)construídos no espaço das interações verbais.

3. Análise dos dados

Não desenvolvo, aqui, uma tipologia das proposições metadiscursivas contidas nas narrativas sob investigação, mas discorro sobre algumas formas de construção metadiscursivas, que se apresentam como específicas das citadas narrativas, sem me ater, portanto, em subcategorizações relativas a essas proposições.

Acrescente-se que os 05 (cinco) excertos são exemplificativos das 04 (quatro) narrativas e não representam propriamente tipos particulares e diferenciados de processos referentes ao fenômeno em análise.

Veja-se os excertos 1 e 2:

1.

História de Beira de Rio

– Olhe, moço! Vocês são da cidade e não acreditam em certas coisas. Por isto não gosto nem de contar...

– Por que, meu amigo? Você pode contar sua história que lhe ouwired com toda atenção.

– Mas não é só uma questão de atenção. É também de, se não acreditar, não mangan de mim. Olhe que eu não gosto que me façam de besta, viu?

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

– *Nem de longe isto me vai a cabeça, respondi já curioso para conhecer a história do seu João.* Velho morador de um povoado perto de Vila Maiuatá, no Município de Igarapé-Miri, no Rio Tocantins, seu João tinha se aproximado da roda formada no bar próximo ao trapiche da Vila, onde se tomava pinga tirando o gosto com camarão frito e se conversava sobre as visagens e assombrações do Pará. *Insisti de novo:*

– *Vamos lá, seu João, conte sua história...*

E o velho João começou sua narrativa.

– Olhe, moço, já fazem uns tantos anos... Foi logo que me casei com a Mundica. Ela era uma cabocla nova, bonita e bem feita de corpo. Nós tinha casado e estava vivendo no meu barraco na beira do rio... Vida de pobre, sabe como é, né? Não se vivia com riqueza, mas o de comê nunca faltou... E a gente se gostava de verdade e ia levando a vida feliz... Um dia... – *a fisionomia do caboclo foi ficando cerrada* – um dia, seu moço, vi minha Mundica meio arredia, como quem tá escondendo alguma coisa... Fiquei desconfiado, mas não disse nada, fiquei só observando o jeito dela. Notava que Mundica não era a mesma e chamei ela pr'uma conversa séria... Que que tá havendo, mulher? Por que tu anda desse jeito? Tu não é mais a mesma... Primeiro ela ficou calada, depois, choramingando, foi que Mundica falou:

– Sabe? É um homem! Um desgraçado que vive rondando nossa casa de noite... Tu ainda não visse, não?

– Não, não vi nada não. E por que tu não me disseste logo? Quem é esse filho duma égua?

– Eu não sei, meu filho, juro que não sei... Quando tu sai à noite que vai pescar, eu fecho toda casa, e ele fica rondando, rondando...

– Ah! se eu pego este filho duma vaca! Ele só vem à noite e quando eu saio?

– É isto mesmo, meu filho...!

E seu João continuou: – Não disse nada. Na minha cabeça – me perdoem vocês, me perdoe Deus – só vinha vontade de matar. E eu ficava pensando quem poderia ser que tava querendo dar em cima da minha mulher... No dia seguinte anunciei bem cedo que ia pra pesca. E saí mesmo.

À medida que ia falando, seu João, como se estivesse muito aborrecido, ia franzindo cada vez mais a testa e o cenho. Procurou se acalmar. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 7-9).

2.

Malinação de Boto

– Eu era garoto ainda, tinha uns dez anos, mais ou menos, quando isto aconteceu. Neste tempo aqui era muito atrasado...

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Quem vai falando é João Batista Corrêa, de 57 anos, filho de Alter do Chão, batendo um papo gostoso em novembro de 1999. E continua:

– Eu fui tomar banho no rio. Eram umas 6 pras 7 horas...

Interrompi o seu João: – Eram 6 ou 7 horas?

– Já faz muito tempo. Não me lembro direito. Eram entre 6 e 7 horas...

– Estou perguntando porque, em quase toda a Amazônia, há a crença de que se deve respeitar as horas ou as horas grandes, ou seja 6 da manhã, meio-dia, 6 da tarde e meia noite...

– Olhe, eram mais ou menos das 6 pras 7 horas. Isto de hora respeitada não existe mais aqui. É bem difícil! Antigamente, sim. Meio-dia e meia-noite, 6 da manhã e 6 da tarde eram horas respeitadas até pra andar nas ruas. Mas isto era naquela época, que era tudo atrasado. Agora não. Agora o movimento tá grande e já não aparecem estas coisas... Mas continuando a minha história. Então eu fui tomar banho no rio. Quando cheguei lá, tinha uma mulher se banhando. Com a minha chegada, ela saiu, foi embora, e eu fiquei.

Quando eu vim de lá, já cheguei em casa com muita febre e dor de cabeça. E que febre! Eu ardia todo...

Tinha um pajé aqui perto, o Izibinho – já até morreu –, e minha mãe mandou chamar ele.

Ele chegou, me examinou, fez as pajelanças dele com tauari e aquelas coisas que os pajés têm. Aí ele disse: – Quando tu chegaste lá, tinha uma mulher, não tinha?

Eu respondi: – Tinha...

E o pajé continuou: – Pois é, ela estava menstruada, O Boto foi atraído por ela. Sabe como é, né? Sempre que mulher menstruada vai na beira do rio, o Boto vem pra atacar... os Botos perseguem a mulher menstruada. Mas como a mulher foi embora, o Boto resolveu te flechar...!

Isto foi o que disse o pajé. Eu não entendo desse negócio de Boto flechar, mas isto é como falamos os pajés. E foi o que o pajé Izibinho me disse: que eu tinha sido flechado pelo Boto...! Eu sei que ele fez as pajelanças dele e no dia seguinte eu estava bom!

– Quer dizer que o Boto resolveu se vingar do senhor porque não conseguiu a mulher? perguntei admirado. Afinal, pensei, este era um fato novo para mim: o Boto vai atrás de uma mulher, ela vai embora, e ele resolve flechar um menino...? [...] (MONTEIRO, 2002, p. 23-24).

O excerto 1 é retirado de uma narrativa de boto. Conforme observado neste excerto, há expressões nas quais o locutor/narrador se introduz no processo narrativo. No primeiro trecho em itálico, ao contar a história, esse narrador interpela o personagem, também narrador, a fim de construir o processo introdutório da história. Constitui uma estratégia metadiscursiva por meio da qual o construtor da história passa a “refletir”

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

acerca do tópico a ser desenvolvido posteriormente. No segundo trecho em itálico, há novamente, essa inserção do locutor-escritor, de modo que tal estratégia também se constitui como recurso para o andamento da atividade tópica.

Já no terceiro trecho em itálico, o locutor faz sua inserção por meio da expressão *insisti de novo*, apelando para que o personagem, construído por ele mesmo, dê andamento ao fluxo narrativo. Mais adiante, por meio de uma estratégia de qualificação do personagem construído por ele, introduz a sequência: *a fisionomia do caboclo foi ficando cerrada*, que aí evidencia uma repredicação desse mesmo referente, mas que constitui uma forma de intervenção metadiscursiva do locutor/narrador.

Por fim, no final do trecho em análise, o locutor, mais uma vez, coloca expressões (re)predicadoras do personagem da história. Essas expressões também se apresentam como recursos por meio dos quais o locutor mostra presente no processo narrativo, atestando aí a sua participação na construção do tópico em curso.

No que tange ao excerto 2, observamos uma estratégia em que o locutor/narrador atribui metadiscursivamente o processo narrativo ao personagem que, segundo ele, constitui-se como narrador da história: *Quem vai falando é João Batista Corrêa, de 57 anos, filho de Alter do Chão, batendo um papo gostoso em novembro de 1999. E continua*. Conforme o trecho em destaque, o construtor da história, ao usar esse recurso, age de maneira analítico-reflexiva acerca do personagem e do contexto espaço-temporal no qual, de acordo com ele, a história acontece. Logo, tal trecho evidencia uma atitude reflexiva do escritor no que diz respeito à própria condução da história. O verbo *continua*, aí lexicalizado, trás evidências fortes acerca da forma como se presta a essa atividade metadiscursiva.

Dando prosseguimento à análise, observamos, no próximo trecho em itálico, a ação interventiva do locutor/narrador, por meio da expressão: *Interrompi o seu João: – Eram 6 ou 7 horas?* Essa estratégia, mais uma vez, apresenta-se como recurso de dinamização e andamento da ação narrativa posta em curso, mostrando-se ainda como recurso pelo qual o narrador/escritor estabelece a interação com o leitor da história.

Já no próximo trecho: *Estou perguntando porque, em quase toda a Amazônia, há a crença de que se deve respeitar as horas ou as horas grandes, ou seja 6 da manhã, meio-dia, 6 da tarde e meia noite*, detectamos a presença de um conjunto de proposições metadiscursivas em que,

além de se intrometer no processo narrativo, o locutor/narrador insere sequências nas quais faz intervir formas de pensar culturalmente situadas no contexto amazônico, com a expressão mais marcada de crenças veiculadas nesse contexto.

No último parágrafo do trecho em análise, podemos detectar a inserção de proposições metadiscursivas em que o locutor/narrador analisa reflexivamente acerca de elementos de natureza cultural específicos dos contextos em que são narradas histórias de boto. A forma verbal *pensei* expressa o sentido de uma atitude reflexiva frente aos valores culturais aí evidenciados, assim como constitui uma maneira por meio da qual o narrador/escritor dá andamento ao fluxo narrativo, de modo que esse recurso contribui também para a progressão textual. Nesse sentido o próprio narrador/escritor evidencia uma espécie de ciência sobre a progressão temática em curso.

Os trechos em análise se apresentam, portanto, como estratégias necessárias à constituição das narrativas estudadas, já que é por meio delas que o narrador/escritor age sobre o processo narrativo, com um tipo de clarividência antecipada e reflexiva sobre os fatos narrados.

Veja-se os excertos 3, 4 e 5:

3.

A Ilha Redonda

– *A história que vou lhe contar se passou no início dos anos quarenta. Nesta época eu era soldado da Polícia Militar do Pará e fui destacado para Gurupá em 1942. Sabe como é, né? No interior se contam muitas histórias, principalmente de encantados. Esta é uma história de encantamento. Quando cheguei lá, ouvi falar de uma certa Ilha Redonda. As pessoas falavam medrosamente do local...*

Foi em 1997. Eu ouvia atentamente o velho militar já reformado como segundo sargento. Apesar da idade – tinha 76 anos – estava, como se diz no interior da Amazônia, inteiro, isto é rígido e forte, com a voz perfeitamente audível, que nem parecia ter levado a vida atribulada dos policiais militares, servindo em várias localidades, sem aviso prévio para mudanças, e sendo sempre chamado para prender bandidos ou para acabar com arruaças de desordeiros. Francisco Rodrigues da Silva era o seu nome. Mas quase ninguém o conhecia pelo nome e sim pelo apelido de Velho, como o chamavam carinhosamente.

Velho continuou sua narrativa que ia se tornando empolgante, principalmente depois que perguntei a razão de terem medo da Ilha Redonda.

– É que a Ilha era morada de uma Cobra Grande encantada. O seu nome era Joãozinho.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

– *Como é que é? Interrompi a fala do Velho. Uma Cobra Grande com o nome de Joãozinho?*

– Sim, senhor! Joãozinho! Joãozinho era o nome da Cobra Grande, pois ela era encantada! E ela morada debaixo da Ilha Redonda. E a Ilha andava de um lado por outro. Às vezes amanhecia defronte do trapiche de Gurupá.

– *Velho, mas o que é isto já de ilha andar? Nunca ouvi falar nisto na minha vida! Ilha encantada, tudo bem, já ouvi várias histórias. Mas, ilha andar? Como é já que uma ilha anda?*

– É assim como lhe disse. Ela não parava num lugar. Ela se locomovia no rio como se estivesse andando nele. Mas deixe eu continuar a história. Neste tempo, morava em Ribeirinha, uma localidade perto de Gurupá, um senhor chamado Secundino, que era grande curador. O Secundino era muito amigo de Joãozinho e, quando chegava a noite, eles viajavam pelo Rio Amazonas.

– Mas, como? O Joãozinho não era uma Cobra Grande? Como é que eles viajavam? O Secundino ia montado na Cobra?

– Nada disto. Já lhe disse que Joãozinho era uma Cobra Grande *encantada* (Velho frisou bem o *encantada*). E como era encantada, de noite virava um navio iluminado. O Secundino ia dentro do navio. Eles iam viajando pelo rio, mas não faziam mal a ninguém. Mas as pessoas tinham medo...

– Se não faziam mal, as pessoas tinham medo de quê?

– Mas, o senhor já pensou? Uma ilha sair andando por aí e uma cobra virar navio e ainda o curador ir lá dentro? Sem falar que perto da Ilha se ouvia uma zoadá vinda do fundo, era um falatório danado, isto quer de dia, quer de noite, se ouvia galo cantar, era aquele rebojo... Isto tudo fez as pessoas ficarem incomodadas e temerosas. Então elas falaram com o padre, que foi batizar a Ilha Redonda e aí acabou todo este negócio...

– Um padre batizou a Ilha?

– Foi. É como eu disse, as pessoas não aguentavam mais ver a Ilha sair andando e o Secundino viajando no navio que era a Cobra Grande Joãozinho.

– Qual era o nome do padre?

– Era Dom Clemente, um padre lá de Altamira. Ele foi lá, batizou a Ilha e acabou com toda aquela marmota... Dizem que Joãozinho se mudou lá pro Alto Amazonas depois que Secundino morreu. [...] (MONTEIRO, 2003, p. 17-18).

4.

História de Amor

“Beleza” é como é conhecido Benedito Félix Moura, de 68 anos, carreteiro, ou seja, faz carros como meio de ganhar a vida. Natural de Curralinho, mora em Breves há cerca de 30 anos. Conheci Beleza através do motorista Paizinho, que dirige uma Kombi.

Comecei a conversar com Beleza sobre as lendas e os mitos da região. Na maior parte das vezes as pessoas contam histórias que se passaram há muitos anos. Mas Beleza contou uma que se passou no início deste primeiro ano do terceiro milênio. Com a palavra o Beleza.

“– No início do ano, á no alto Rio Anapu, Município de Portel, um caçador saiu à noite pra caçar. Seu nome era Francisco Medeiros dos Santos. Ele entrou na mata e já estava bem distante da casa dele. De repente caiu uma forte chuva, deu uma trovoada, e ele ficou assim perto de um pau grande pra se proteger. Mas a chuva aumentou e aí ele viu um pau maior, assim de uns três metros de largura, que tinha um grande buraco. Ele se dirigiu pra lá e aí viu que tinha já uma mulher lá dentro. Ele não viu direito, porque era noite, mas era uma Curupira. Ele já estava lá e aí pensou: “– Bem, eu não vou voltar. Vou dividir o espaço com esta mulher. Ela fica prum lado e eu fico pro outro”. E assim fez. E ficaram os dois lá, dentro do buraco do pau.

Ele acabou deitando e já estava quase dormindo, quando a mulher veio, se chegou e se deitou no braço dele. Aí, sabe como é, né? Eles acabaram se agarrando e fazendo amor. Amanhecaram os dois lá dentro do buraco do pau, agarradinhos. Foi só aí que ele viu que ela era uma Curupira”.

Neste ponto da narrativa eu intervi: – E como era essa Curupira? “– Era mulher em carne. A feição dela é que modifica, com o cabelão comprido e os pés dela pra trás.

Mas, como eu tava dizendo, eles acordaram e foram juntos até perto da casa dele. Aí ela se despediu, propondo novo encontro dentro de três dias num lugar que ela marcou.

Ele voltou pra casa, pro meio da família – ele tinha mulher e filhos – mas só pensava na Curupira. Ficou apaixonado por ela...

Dentro de três dias ele se preparou pro novo encontro. Mas não teve condição de ir pelo mesmo caminho. Então ele embarcou no casco e foi pelo rio abaixo e de lá varou pelo mato até o ponto marcado. E aí eles se encontraram, se amigaram e vivem até hoje, nas matas do Alto Anapu”.

Novamente eu intervi:

– E como é que o senhor soube desta história, com tantos detalhes?

“– Bem, é o seguinte, né? Quem me contou foi um amigo dele. Ele tinha sumido de casa, e os parentes e amigos resolveram procurar e nada de achar. Foi esse amigo que encontrou, inclusive viu a Curupira, e ele contou pro amigo, dizendo que não voltava mais”. [...] (MONTEIRO, 2007, p. 19-22)

5.

A Tia Podó

No Rio Maiuatá – *você sabe onde fica o Rio Maiuatá? Não?* Fica no Município de Igarapé-Miri, no Pará, e é afluente do Rio Tocantins – no Rio Maiuatá, dizia eu, começaram a ouvir os estridentes assobios da Matinta Pere-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ra. Os moradores se perguntavam: Quem será já que vira Matinta por aqui? E nada de descobrir quem era a Matinta do Rio Maiuatá...

A coisa foi aumentando e, além dos assobios, a Matinta começou a assustar as pessoas de outras maneiras. *Você sabe, não é? Que a Matinta pode se transformar no que quiser.* Pois é, a Matinta ora aparecia em forma de onça, ora em forma de queixada, ora em forma de outro animal qualquer, sempre atazanando os pacatos caboclos e seus familiares, metendo medo e não deixando ninguém dormir com os estridentes

– Fiiiiiiiiittt...

Ou pior quando dobrava o assobio

– Firifififuuu...

Teodoro Castro Barboza, 40 anos, filho de Sumaúma, lá em Igarapé-Miri, foi quem contou essa história. E ele continuou dizendo que a Matinta tanto perseguiu os moradores que um deles, mais corajoso, disse que ia dar um jeito naquela situação. Era o João Piraqueira, filho da Tia Podó, que era muito estimado naquelas bandas.

Pois bem, o João Piraqueira procurou um pajé dos bons, explicou a situação e disse que queria dar uma solução para aquele problema, a fim de que os moradores do Rio Maiuatá voltassem a ter paz e pudessem dormir sossegados. O pajé ouviu e seguiu junto com o rapaz.

Ah! Você nem imagina o que aconteceu! Pois não é que a Matinta era... *Não, estou me precipitando e já chegando ao fim da história. Deixe, pois, que conte o que aconteceu depois que o João Piraqueira falou com o pajé. Como já disse, depois de ouvir atentamente, o pajé seguiu com João Piraqueira para o Rio Maiuatá. Lá chegando, pediu que o rapaz arrumasse duas cuias pitinga e uma sandália e guardou este material.*

Quando chegou de noite, assim que a Matinta começou a assobiar, quando se ouviu

– Fiiiiiiiiittt...!

O pajé saiu da casa em que estava, começou a fazer suas orações, pegou as duas cuias pitinga e colocou em cima da sandália emborcada. Era a fórmula para amarrar Matinta Perera!

Naquela noite ouviu-se ainda um assobio cortado pela metade e um barulho assim como se fosse um pato se debatendo em cima de um galho de uma árvore próxima. Ninguém foi olhar, esperando a manhã seguinte...

Ao amanhecer o pajé chamou João Piraqueira para ir ver a Matinta amarrada pela fórmula...

Veja só o que é o destino!

O pajé disse para o rapaz:

– Agora vamos saber quem é a Matinta Perera do Rio Maiuatá!

Quando chegaram no local, sobre um galho de uma árvore próxima às duas cuias pitinga em cima da sandália emborcada, estava uma mulher que dali não conseguia se mexer, como se estivesse amarrada no galho. O pajé disse para João Piraqueira:

– Esta é a Matinta Perera que estava perturbando vocês...!

Quando João Piraqueira ergueu a vista para o galho da árvore, quase desmaiou. Quem estava lá em cima era a sua própria mãe, a Tia Podó... [...] (MONTEIRO, 2007, p. 15-18)

No excerto 3, a narrativa se inicia por uma construção metadiscursiva – *história que vou lhe contar se passou no início dos anos quarenta* – Aí, o locutor/ narrador, ao construir a história, fala sobre o próprio ato de narrar/contar, instituindo-se como uma espécie de agente da atividade tópica e da forma como a ação narrativa se desenvolverá. Ainda nesse excerto, introduz uma expressão na qual qualifica a narrativa que está sendo contada – *Esta é uma história de encantamento*, o que demarca a presença do narrador no modo como reflete sobre a natureza da ação verbal, apontando deitivamente para esta e para si mesmo como locutor.

Nesse mesmo excerto encontramos também expressões nas quais o locutor age reflexivamente sobre a ação de narrar, é o caso do trecho: *Velho continuou sua narrativa que ia se tornando empolgante, principalmente depois que perguntei a razão de terem medo da Ilha Redonda*. De acordo com o exemplo, o locutor/narrador age sobre processo narrativo e sobre a atividade tópica na forma como delega a um personagem a progressão dessa atividade, evidenciando-se, aí, não só uma espécie de controle da ação de narrar por esse locutor, mas também uma estratégia por meio da qual esse locutor avalia e age de maneira autorreflexiva sobre o que está contando.

No trecho, logo abaixo, encontramos expressões nas quais o locutor/narrador se insere/intromete no processo narrativo construído por ele mesmo, constituindo um tipo de estratégia discursiva por meio da qual intenciona tanto conceder uma dinâmica interativo-dialogal ao processo narrativo quanto um recurso pelo qual dar andamento à atividade tópicotemática. Assim, as expressões: *Como é que é? Interrompi a fala do Velho. Uma Cobra Grande com o nome de Joãozinho?* denotam recursos textual-discursivos em que o produtor textual demarca não só a sua presença na atividade interativa, como ainda um conhecimento estratégico acerca da forma de operacionalizar ou gerenciar essa atividade.

É o que também acontece no trecho seguinte: – *Velho, mas o que é isto já de ilha andar? Nunca ouvi falar nisto na minha vida! Ilha en-*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

cantada, tudo bem, já ouvi várias histórias. Mas, ilha andar? Como é já que uma ilha anda?

No entanto, neste trecho, observamos também a recorrência do locutor a outros discursos no processo de construção da atividade narrativa, referendando sentidos e dizeres já construídos no universo sociocognitivo e cultural em que determinadas histórias são contadas. Desse modo, a ação discursiva, aí mobilizada, convoca outras ações discursivas em seu processo de constituição.

Quanto ao excerto 4, temos um conjunto de expressões em que a metadiscursividade se apresenta na ação narrativa, realizada pelo locutor, pela inserção concomitante de verbos e formas também próprias do ato narrar/relatar. Assim, ao construir o processo narrativo, o produtor textual faz menção a expressões como: *comecei a conversar com Beleza sobre as lendas...; as pessoas contam histórias...; mas Beleza contou uma (lenda) que se passou; com a palavra o Beleza*. Os segmentos, em exemplo, mostram que a narratividade recorre a ações também narrativas para se construir, é o discurso recaindo/operando sobre ele mesmo, numa espécie de efeito metadiscursivo na atividade de produção da ação verbal conduzida pelo locutor/produtor do texto.

Dando prosseguimento à análise do excerto, encontramos neste as expressões: *Neste ponto da narrativa eu intervi: – E como era essa Curupira?* Conforme o exemplo, observamos que o locutor textual usa uma estratégia em que, ao narrar, se coloca como alguém que interfere no processo narrativo, tendo, portanto, uma atitude analítica quanto ao que está sendo dito e, ao mesmo tempo, se posicionando acerca do tópico em curso, sobre o qual age e constrói a atividade verbal.

O penúltimo trecho em grifo, no excerto em análise, no caso: *Mas, como eu tava dizendo, eles acordaram e foram juntos até perto da casa dele*, configura um recurso de sobreposição do narrar; logo, a palavra do personagem instituído pelo locutor textual evidencia a presença inelutável deste último. Assim, dizendo por meio do outro, passa ele mesmo a dizer, fazendo com que a progressão temática e textual se efetive.

Ao narrar, interfere ele próprio no curso da narrativa quando delega ao ato de narrar a um personagem por ele construído. É o produtor da ação narrativa que aí se insere, de forma a poder colocar-se mais subjetivamente e/ou interativamente na história que conta. Por outro âmbito, é a atividade discursivo-narrativa que se debruça sobre si mesma, também na

maneira como o locutor do texto procura se distanciar em relação ao que se constitui como objeto da ação narrativa que está sendo mobilizada.

No último trecho do excerto, há, mais uma vez, a inserção da voz do locutor textual. Logo depois, uma pergunta que é parte dessa inserção, relativa ao conhecimento da história narrada, o que aponta para o fato de que a história faz a referência a ela própria, em outras palavras, o discurso relativo à narrativa se volta reflexivamente, sobre si, explicando-se tanto em nível tópico como em termos de conhecimento já construído/dado pelo universo cultural relativo ao personagem lendário tematizado pela narrativa.

No excerto 5, o primeiro trecho em grifo evoca um conhecimento de mundo e enciclopédico do universo biossocial e cultural em que a história de Matinta Perera é contada. O locutor, ao trazer esse conhecimento, age sobre discursos já em circulação no mencionado universo e, assim, atualiza também em discurso a narrativa que está sendo contada. Vejamos o trecho: *No Rio Mauatá – você sabe onde fica o Rio Mauatá? Não? Fica no Município de Igarapé-Miri, no Pará, e é afluente do Rio Tocantins.* O conhecimento que o locutor/narrador, aí expressa, não é somente dele, mas faz parte de um conjunto amplo de saberes, a partir do qual consegue textualizar discursivamente as informações veiculadas no início da história.

No segundo trecho em destaque, o narrador traz, para o discurso, elementos já postos no contexto discursivo em que são contadas histórias de Matinta: *Você sabe, não é? Que a Matinta pode se transformar no que quiser.* Isto referenda a premissa de que a produção do discurso sobre a Matinta está engatilhada em discursos já estabelecidos, o que reafirma a atitude dialógica implementada pelo locutor em relação aos interlocutores para os quais se dirige na narrativa.

No que concerne ao terceiro trecho em itálico, detectamos um tipo de interferência mais extensa do locutor textual, considerando a inserção de proposições metadiscursivas na atividade de textualização da narrativa. É o que podemos observar em: *Ah! Você nem imagina o que aconteceu! Pois não é que a Matinta era... Não, estou me precipitando e já chegando ao fim da história. Deixe, pois, que conte o que aconteceu depois que o João Piraqueira falou com o pajé. Como já disse, depois de ouvir atentamente, o pajé seguiu com João Piraqueira para o Rio Mauatá.* Como mostra o exemplo, o narrador textual interrompe o fluxo da atividade lógica para posicionar-se metadiscursivamente sobre o pro-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

cesso narrativo. Desse modo, passa a refletir sobre o seu dizer e sobre o modo de encadeamento da ação verbal em curso. Na expressão: *Deixe, pois, que conte o que aconteceu depois que o João Piraqueira falou com o pajé*, o locutor que conta a história fala a própria ação de contar, o que se apresenta como um instrumento discursivo pelo qual encadeia e dá progressão à atividade textual, configurando ainda a sua presença como sujeito narrador do relato. Nesta outra expressão: *Como já disse, depois de ouvir atentamente, o pajé seguiu com João Piraqueira para o Rio Mauatá*, o locutor novamente se sobrepõe ao ato de narrar, ou mesmo já narrando se coloca como sujeito da ação aí mobilizada; ao dizer, reafirma o seu dito e se projeta metadiscursivamente sobre o objeto do seu discurso, demarcando-se como agente desse discurso.

Os trechos referentes ao excerto 5 evidenciam o fato de que as proposições/construções metadiscursivas, em análise, constituem recursos construtores da atividade narrativa carregada pelo produtor do texto, colocando-se tanto como sujeito que engatilha o seu dizer em outros ditos, e isso de forma um tanto explícita, tanto quanto como sujeito que se “expõe” como locutor acerca do que narra, ao mesmo tempo que criando estratégias nas quais estabelece uma interação mais intensa com os interlocutores/leitores da história que está sendo contada.

4. *Considerações finais*

As construções metadiscursivas analisadas constituem atividades por meio do que o produtor/locutor textual tanto se posiciona reflexivamente sobre o que é objeto do seu dizer, tanto quanto convoca de forma reconstrutiva ou ressignificativa dizeres já instanciados e mobilizados no contexto sociocognitivo a partir do qual constitui a ação verbal posta em andamento nas atividades narrativas aqui estudadas. Por outro lado, ao construir tais proposições, age de maneira mais subjetiva em relação ao seu objeto de dizer, demarcando, de modo mais explícito, a sua presença como locutor dos textos narrativos em estudo. Acrescente-se a questão de que o estatuto da metadiscursiva se apresenta como uma característica dos discursos em seus mais variados domínios, com a convocação recorrente a um conglomerado heterogêneo de dizeres em ação em contextos socioculturais diversos, sempre interpelados quando da atividade de produção de diferentes textos orais e escritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER, Jacqueline. *Paroles ténues à distance*. Materialités discursives. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

JUBRAN, Clélia Spinardi. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução a linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, Walcyr. História de beira de rio. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith – Produções Gráficas, 2. ed. ano II, n. 5, p. 7-9. 2000.

_____. Malinação de boto. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith – Produções Gráficas, 2. ed. ano IV, n. 7, p. 23-24. 2002.

_____. A ilha redonda. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith – Produções Gráficas, 2. ed. ano V, n. 12, p. 17-18. 2003.

_____. História de amor. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith – Produções Gráficas, 1. ed. ano IV, n. 9, p. 19-22, 2007.

_____. A tia Podó. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith – Produções Gráficas, 2. ed. ano III, n. 8, p. 15-18, 2007.

MORATO, Edwiges Maria. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MOURA, Heliud Luis Maia. *Atividades de referenciação em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia: implicações sociocognitivas e culturais*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.